

***A materia que me da gosto: do testemunho físico do
passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva***

***The matter that makes me pleased: on the physical testimony
of the past in Fr. Francisco de S. Luís Saraiva***

***La matière qui me fait plaisir: du témoignage physique
du passé chez Fr. Francisco de S. Luís Saraiva***

***La materia que me da gusto: del testimonio físico
del pasado en Fr. Francisco de S. Luís Saraiva***

Miguel Ayres de Campos-Tovar
Courtauld Institute of Art, U. of London
miguel.ayresdecampos@courtauld.ac.uk

Resumo: Um duradouro interesse do beneditino Fr. Francisco de S. Luís, depois Cardeal Saraiva (1766-1845) foi o registo e estudo de vestígios arqueológicos, mormente de espécies epigráficas. Privilegiando a evidência dum caderno de apontamentos histórico-arqueológicos por si coligido e dalguma correspondência em posse particular, o presente artigo propõe-se interrogar a dedicação de Saraiva a este tipo de património, fenómeno escassamente abordado do seu percurso, e o seu aporte à relação do historiador com o passado. É nosso fito, simultaneamente, assinalar a disponibilização digital do material inédito em apreço pelo Arquivo Municipal de Ponte de Lima, e estimular o seu estudo aprofundado.

Palavras-chave: Cardeal Saraiva; arqueologia; epigrafia; inéditos

Abstract: An enduring interest of the benedictine Fr. Francisco de S. Luís, later Cardinal Saraiva (1766-1845) was the documentation and study of archaeological remains, namely epigraphs. Departing from the evidence supplied by a personal scrapbook of historical and archeological notes, as well as some correspondence in private hands, the present article aims to interrogate Saraiva's dedication to this type of heritage, a scarcely-considered aspect of his activity, and its bearing on the historian's relation with the past. It is our purpose, simultaneously, to signal the recent digitisation of this material by the Municipal Archive of Ponte de Lima, and to stimulate its continued study.

Keywords: Cardinal Saraiva; archaeology; epigraphy; unpublished material

Resumé: Un intérêt permanent du bénédictin Fr. Francisco de S. Luís, plus tard Cardinal Saraiva (1766-1845) était l'enregistrement et l'étude des vestiges archéologiques, en particulier de pièces épigraphiques. En se concentrant sur trois ensembles de documents inédits, conservés en collections privées - un carnet de notes historico-archéologiques qu'il avait collectées, un ensemble de lettres au 2ème comte de Lavradio et une partie de la correspondance reçue du Père Manuel da Gama Xaro - cet article vise à questionner l'engouement de Saraiva à ce type de patrimoine, un aspect rarement abordé sur sa carrière, et sa contribution au rapport de l'historien avec le passé. Notre objectif est, à la fois, de signaler la disponibilité numérique du matériel inédit en question, et d'en stimuler son étude approfondie.

Mots-clés: Cardinal Saraiva; archéologie; épigraphie; inédits

Resumen: Un interés duradero del beneditino Fr Francisco de S. Luís, posteriormente Cardenal Saraiva (1766-1845) fue el registro y estudio de vestígios arqueológicos, especialmente de especies epigráficas. Centrándose en el testimonio

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

inédito de un cuaderno histórico-arqueológico que recopiló y de alguna correspondencia en pose particular, este artículo se propone cuestionar la dedicación de Saraiva a este tipo de patrimonio, aspecto pocas veces abordado de su actividad, y su aporte a la relación del historiador con el pasado. Es nuestro objetivo, al mismo tiempo, señalar la disponibilidad digital del material inédito en consideración por el Archivo Municipal de Ponte de Lima, y estimular su estudio en profundidad.

Palabras-clave: Cardenal Saraiva; arqueología; epigrafía; inéditos

Introdução: Fr. Francisco e a leitura do passado

Fundada no contacto de dois mundos — a civilização monástica beneditina e o positivismo académico do século XIX — a vocação historiográfica de Fr. Francisco de S. Luís Saraiva acompanhou toda a sua carreira política e eclesiástica, e informou uma vertente substancial do seu legado literário. O rasto deste percurso intelectual, que o foi também empírico e afetivo, tem atraído sustentado interesse por parte dos *historiadores da história*, bem como esforços tendentes à reconstituição do seu perfil erudito, da sua rede de relações e dos seus horizontes culturais. Tais abordagens conduziram desde cedo a uma valorização do testemunho inédito — nomeadamente, da sua correspondência e dalguns apontamentos pessoais susceptíveis de assistir à densificação humana da figura. De luzes providas pelo espólio manuscrito de Saraiva, entretanto disperso, se têm valido alguns estudos importantes da sua persona política e intelectual — nenhum mais que o magistral perfil traçado por Luís de Oliveira Ramos (1972), e já antes o pioneiro esboço de António Ferreira (1948) — mas também inquéritos de âmbito específico à sua historiografia monástica (Ramos, 1976), à sua actividade arquivística (Baião, 1924; Rodrigues, 2007; Freitas, 2018) ou à sua cultura livresca (Cardoso, 1995). O desígnio de reunir textos inéditos e raros de sua autoria tem gozado de ânimo continuado (Freitas & Carneiro, 2017), refletindo um vivo interesse no aporte trazido por tais fontes ao conhecimento do político, do eclesiástico, do literato e do historiador.

Especialmente enriquecido por este trabalho de prospecção tem sido o conhecimento da vertente diplomática do investigador, em que se iniciou no cartório do Mosteiro de Tibães — por si submetido a um “index e arrançamento metodico” entre 1797 e 1798 (Ramos, 1972: 37). A correspondência trocada por Fr. Francisco de S. Luís, Fr. Bento de Santa Gertrudes — à data cartorário do mosteiro de S. João de Alpendurada — e o paleógrafo João Pedro Ribeiro, dada a conhecer por José Mattoso (1959-61), é bem ilustrativa do meio em que este seu interesse primeiro floresceu e se fortificou, fruto da rica cultura historiográfica que viçou entre os nossos beneditinos nas vésperas da supressão da ordem¹. Expressão menos conhecida da sua actividade arquivística foi a aplicação destas competências a pelo menos um acervo familiar: o da Casa Grande de Sá, no seu torrão natal de Ponte de Lima (Rodrigues,

¹ Sobre a formação académica de Fr. Francisco, e o peso das matérias de valor historiográfico na educação beneditina do seu tempo, cf. entre outros Mattoso, 1959: 261-271; Ramos, 1972: 247-311; Dias, 2017: 17-20.

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

2007: 127-135; Freitas, 2018: 118-121), por solicitação de António de Araújo de Azevedo. Não é improvável que neste domínio tenha colhido dados para as suas incursões no género linhagístico, aparentemente cultivadas em articulação com o seu irmão de sangue Fr. Luís dos Serafins e testemunhadas por um curioso *Espelho genealógico* circulado localmente em forma manuscrita².

Do prolongado apelo que a ciência paleográfica exerceu junto do espírito de Saraiva, pesassem embora os cuidados pastorais e políticos que por esses anos se vinham cumulando sob o seu encargo, dão testemunho as três cartas remetidas na década de 1840 a Diogo Köpke, publicadas por Alfredo Pimenta (1940). Também as suas últimas missivas a D. Francisco de Almeida Portugal, 2.º conde do Lavradio — parte dum espólio inédito cuja existência aqui se assinala³ — indiciam uma continuada entrega à leitura e transcrição de velhos pergaminhos, já na dignidade de Patriarca, fosse na Torre do Tombo ou nos cartórios privativos dos palácios de Lisboa. A consciência da importância que podiam revestir estes ricos mananciais ocultos patenteia-se em mais do que uma dessas comunicações:

As copias, que eu mandei, dos dous documentos são para V. Ex.^a, e cá me ficarão outras para mim. Ambos os documentos me derão alguma novidade que eu ignorava. Assim havião de aparecer nas Cazas illustres e antigas muitas curiosidades historicas, se houvesse quem sacudisse o pó dos cartorios, como vejo que V. Ex.^a vai fazendo ao seu.⁴

O mesmo desígnio de diálogo com o passado, fundado na leitura crítica dos seus testemunhos materiais, levou Fr. Francisco à valorização da escrita lapidar e dos seus códigos — submetendo-a a análise ponderada e ao confronto com outras fontes, e ambicionando a um registo rigoroso dos espécimes com que se ia deparando. Uma carta remetida a João Pedro Ribeiro em Maio de 1802 (preservada entre papéis deste na Biblioteca da Universidade de Coimbra, e ligeiramente anterior às publicadas por Mattoso) documenta já a sua entrega à recolha e estudo de velhas inscrições, bem como a remessa de oito registos gráficos colhidos no Mosteiro de Santo Tirso, no de Ganfei e em Ponte de Lima⁵. Ainda que os desenhos então enviados não se tenham preservado, e os muitos que foi realizando raramente tenham tido tradução direta na sua obra publicada, encontramos entre os inéditos

² Trabalho datado na sua forma final de 1843, de que se conhecem ainda algumas cópias, corre sob o título completo de *Espelho genealógico onde devem olhar-se varias familias para conhecerem o fundamento da soberba, do orgulho, da presumpção, da vaidade [e] da vangloria, que as caracteriza*; agradecemos reconhecidamente ao Dr. Adelino Tito de Moraes a reprodução que nos facultou de um dos espécimes.

³ As 17 cartas dirigidas ao titular aqui dadas a conhecer, subsistentes em posse particular, completam o *corpus* patente na BNP, FG, cx. 148: 327-431, já sinalizado por Luís Ramos (1972: 189, nota 77) mas ainda escassamente explorado.

⁴ Carta de 8/2/1837, arquivo particular; digitalização disponível em <<https://pesquisa-arquivo.cm-pontedelima.pt/details?id=1092032&detailsType=Description>> (acedido a 20/3/2022).

⁵ Carta de 30/5/1802, inclusa no Ms. 240 da BGUC a fls. 112^v.

por si deixados evidência dum continuado zelo na interpelação deste tipo de património — que aliás o acompanhará, duma forma ou doutra, até à última década de vida.

Entendida num sentido pleno como ciência ancilar da história, a epigrafia serve o beneditino não apenas enquanto alicerce para o conhecimento da Antiguidade, mas como acervo de memória da própria congregação (de que veio a ser cronista-mór⁶) nos períodos medieval e moderno. Simultaneamente, é sensível nos trabalhos que deixou o valor afetivo que o seu objecto pode revestir enquanto ponto de encontro e contacto físico com o passado, integrando aquela “materia que me da gosto” de que reza expressivamente uma sua carta ao companheiro Fr. Bento de Santa Gertrudes (Mattoso, 1956: 268). Se esta sensibilidade o alinha, *latu sensu*, com todo um rol de antiquários precedentes — também André de Resende, Fr. Bernardo de Brito e o P.^e Jerónimo Contador de Argote reservaram amplo espaço para a evidência arqueológica⁷, como o fizeram no domínio da cronística beneditina Fr. Leão de S. Tomás, Fr. Bernardo de Braga ou Fr. João do Apocalipse — a abordagem de Fr. Francisco de S. Luís às inscrições antigas revela-se a vários títulos refletiva do seu tempo, da cultura científica que o formou, e das preocupações que o caracterizaram como homem e historiador. As páginas que se seguem procurarão, assim, considerá-la no seu contexto, e à luz da evidência que os seus próprios escritos nos oferecem.

Entre documentos e monumentos

O interesse de Fr. Francisco pelas espécies epigráficas, se bem que indiciado em algumas das suas obras históricas⁸, não tem gozado do mesmo reconhecimento que o seu trabalho diplomático, nem beneficia, entre a bibliografia publicada, dum grau comparável de documentação. Sabemos, contudo, que no seu entendimento estes dois tipos de testemunho se afiguravam essencialmente complementares — conforme já deixa entrever o comentário que acompanha a colação semântica dos vocábulos ‘monumento’ e ‘documento’ no seu *Ensaio sobre alguns sinónimos da Língua Portuguesa*:

O *documento* ensina; o *monumento* avisa. O primeiro instrue, descreve, conta circunstanciadamente, e talvez prova; o segundo dá notícia, traz á lembrança, excita a idéa, aponta o facto. Para o *documento* he necessaria a escriptura, e essa com alguma extensão. Para o *monumento* basta hum sinal, e se he acompanhado de escriptura, esta deve ser concisa.

⁶ Encargo que deteve entre 1804 e 1819.

⁷ A respeito da primeira história dos estudos epigráficos em Portugal, e do aporte da maioria dos autores aqui citados, cf. Encarnação, 2010: 44-49; Marques: 2016: 349-369.

⁸ Cf. a título de exemplo Saraiva, 1872: 285, 313, 315, 333 e segs.; 1873: 273 e 312; 1874: 261, 295-296.

Os fastos, chronicas, diplomas, cartas, &c., são *documentos*; as pyramides, as columnas, os obeliscos, os mausoléos, os templos, as medalhas, as lapidas, &c., são *monumentos*.⁹

A conceptualização de ‘monumento’ aqui aflorada remonta ao comentariado etimológico de tradição medieval, multiplicado a partir da recolha enciclopédica de Isidoro de Sevilha, que por sua vez mergulhava fundas raízes na cultura clássica:

Monumentum ideo nuncupatur, eo quod mentem moneat ad defuncti memoriam. Cum enim non uideris monumentum illud est quod scriptum est: Excidi tamquam mortuus a corde. Cum autem uideris monet mentem et ad memoriam te reducit, ut mortuum recorderis. Monumenta itaque et memoriae pro mentis admonitione dictae.¹⁰

É justamente nesta base, segundo a tradição exegética reproduzida por Saraiva, que assenta o seu relacionamento semântico com a noção de ‘documento’ — cuja raiz latina é o verbo *docere* (‘ensinar’). A despeito do carácter diferenciado dos estímulos que configuram, ‘documento’ e ‘monumento’ revelam-se sob esta luz estritamente cooperantes, não apenas enquanto bases para uma (re)construção da memória mas porquanto proveem as comunidades de vínculos concretos ao passado. Assim entendidos, na sua enfática fisicalidade e na sua vocação interpelativa, os monumentos pétreos não podem deixar de assumir um carácter saliente na vida dos colectivos, como marcadores duma paisagem cultural e afetiva. Tal apelo teria sido particularmente sensível para uma comunidade simultaneamente claustural, letrada e de forte consciência corporativa, como o era a beneditina. Tipicamente implantados no palco da liturgia ou da vivência comunal, pontilhando um espaço introspecto e eminentemente contemplativo, os apelos à memória configurados pela epigrafia e simbólica monumentais em contexto monástico teriam cooperado na constituição dum perímetro e duma ordem existencial diferenciados — reforçando o decalque dos indivíduos face ao século e aos vínculos mundanos, e simultaneamente reiterando a sua pertença a uma nova *polis*, dotada dum imaginário social próprio.

Não é seguramente insignificante que o valor da epigrafia se tenha primeiro insinuado a Fr. Francisco neste quadro comunitário de forte e ciosa vinculação a um passado, a uma vez remoto e espiritualmente vivo. À tendencial confluência semântica de ‘monumento’ e ‘documento’ com a noção

⁹ Saraiva, 1878: 14.

¹⁰ “Um monumento é assim designado porque admone a mente no sentido de lembrar um defunto. Com efeito, quando não nos é dado contemplar um monumento, sucede-lhe como está escrito [Ps. 30:13]: ‘Fui esquecido dos corações como um morto’. Mas em vê-lo, ele admone a mente à memória, de tal modo que a pessoa ausente é recordada. Assim, tanto ‘monumento’ como ‘memória’ recebem os seus nomes da admonição da mente” (PL 82:552 [1850]; tradução nossa).

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

de *testemunho* ou *prova* — realidade em Saraiva perfeitamente assimilada¹¹ — não foi alheia, a seu tempo, a obra de Jean Mabillon, decano da historiografia beneditina francesa, cuja análise se apoia recorrentemente (conquanto nem sempre de modo crítico) na evidência complementar da pedra e do pergaminho¹². Também entre nós a cronística de Fr. Leão de S. Tomás dignifica com frequência o testemunho de velhos *letreiros* e outros marcadores físicos, sob a admoção de que “tãobem as pedras falão, pera averguar [averiguar] antiguidades” (1644: 376), ou “se as escripturas faltão, as pedras falão” (*idem*: 494). Os usos vindicativos que tal património podia acomodar na construção da gesta corporativa são ilustrados — por exemplo — pelo tratamento a que este último autor submete a heráldica e a lapidária monumentais da galilé do mosteiro de Pombeiro, tomadas como penhor da dignidade histórica da comunidade e da sua interpenetração com a primeira nobreza nacional (Leão de S. Tomás, 1651: 54-68).

Nada nesta tradição latente seria alheio ao espírito de Saraiva, cuja imersão na cultura livresca beneditina se iniciara ainda na adolescência¹³, e cujas leituras (nomeadamente históricas) se mapeiam em inusual detalhe¹⁴. Graças a uma pequena biografia autógrafa sabemos que a sua curiosidade neste domínio floresceu em estrita articulação com a consulta dos cartórios monásticos, nas qualidades de Secretário da Congregação e Companheiro do Abade Geral — encargos para os quais foi eleito, respetivamente, nos triénios de 1798-1801 e 1801-1804:

Como alguns dos referidos lugares me facilitassem a oportunidade de correr, por vezes, todos os mosteiros da Congregação, resolvi-me aproveitar-la em benefício da minha instrução; pelo que, no tempo que me restava das obrigações essenciais, examinei todas as livrarias e arquivos dos mosteiros, fazendo apontamentos e extractos, copiando documentos, inscrições, letreiros, disticos, &c.¹⁵

Tal empresa, de que até à data se conhecia apenas a passageira referência citada, corporizou-se num volume manuscrito subsistente em colecção particular, a cujo frontispício seu sobrinho António

¹¹ Considerem-se por exemplo as noções que articula a respeito da memória enquanto tipologia historiográfica: “[...] as «memórias desenvolvem miudamente os factos e as suas causas; discutem os que são duvidosos; determinam e verificam as datas; descem a particularidades; copião documentos, monumentos, provas, etc.” (Saraiva, 18, VII: 238).

¹² Caso do seu problemático tratamento histórico-crítico de alguma escultura medieval, conforme interrogado por Vanuxem (1957); cf. ainda, para um enquadramento mais lato da problemática, LeGoff, 1978: 38-43.

¹³ A este respeito, é especialmente elucidativo um apontamento autobiográfico recentemente integrado nos fundos do AMPL, CS cx. 1-8 — decerto uma das fontes presentes a Resende (1872: 8), que repete muita da sua informação.

¹⁴ A propósito da constituição da sua biblioteca até à década de 1820, é testemunha preciosa a facultada por um *Index da Livraria de D. Fr. Francisco de S. Luis*, objeto de estudo aprofundado e contextualização por parte de António M. de Barros Cardoso (1995; 2017). Da perfeita familiaridade de Saraiva com o manancial historiográfico inédito produzido pelos “amadores de antigualhas” da Congregação Portuguesa da ordem dá prova bastante uma memória bio-bibliográfica dos antiquários beneditinos, expandindo largamente as notícias da *Bibliotheca Lusitana*, cujo teor conhecemos graças à cópia parcial por si oferecida a João Pedro Ribeiro (BGUC, Ms. 240, fls. 113-116^v).

¹⁵ AMPL, CS cx. 1-8, fl. 3; a respeito deste documento, cf. a nota 13 acima.

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

Correia Caldeira viria a apor o título *Apontamentos colligidos por D. Fr. Francisco de S. Luiz, patriarcha de Lisboa*. Este caderno, cuja matéria epigráfica exploraremos em pormenor adiante, afigura-se particularmente valioso enquanto documento das recolhas que empreendeu nos primeiros anos do século XIX, conforme se lê nos cabeçalhos das duas principais secções: “Datas de que fiz lembrança á vista dos proprios titulos authenticos ou certidoens delles na vizita dos mosteiros, sendo companheiro do N. R.^{mo} no anno de 1801 e 1802” (fls. 85-87) e “Datas e Inscrispoens que copiei dos proprios Lugares em que se achão nas Vizitas a que assisti sendo Secretario da Congregação e Companheiro do R.^{mo} nos annos de 1800 e 1801 e 1802” (fls. 89-99). Ao testemunho dos anos referidos acresce a apensão de algum material de interesse arqueológico ulterior, espelhando um envolvimento prolongado, se bem que mais pontual, na temática — primeiro nas margens do Mondego, enquanto abade do colégio universitário de S. Bento, esporadicamente como residente no Mosteiro de Carvoeiro, e, décadas volvidas, na dignidade de Patriarca de Lisboa.

Entre as visitas monásticas e Coimbra

A colheita epigráfica de Saraiva compagina-se num caderno de 124 folhas e 22 x 16 cm (não obstante a inclusão de vários fólhos desdobráveis doutros formatos); reveste-o uma encadernação modesta em membrana de carneira, seguramente a original, com vestígios dum atilho. A única referência publicada que lhe encontramos ocorre numa nota de rodapé da monumental dissertação que Luís de Oliveira Ramos consagrou à vida e obra do prelado (1972: 291, nota 47); mercê desta notícia, confirmamos que seguiu na descendência de António Correia Caldeira até à dispersão dos papéis pessoais daquele no último quartel do século XX.

Os segmentos do manuscrito que propriamente nos concernem são acompanhados por outros trechos de menor monta, variegados mas direta ou indiretamente relacionáveis com os seus estudos conhecidos: apontamentos estatísticos e corográficos (fls. 1-5), umas “Notícias beneditinas” superabundantes em dados cronológicos (fls. 25-30^v); excertos relativos a Portugal colhidos em jornais estrangeiros (fls. 33-38^v); notas sobre belas-artes e uma forma incipiente do que viria a ser a *Lista de alguns artistas Portugueses* dada à estampa em 1839 (fls. 47-57^v; 61-70^v); um grande quadro desdobrável com dados cronológicos dos reis de Portugal até D. João VI (fl. 88) e apontamentos sobre livros raros (fls. 100-101^v). Entremeiam este elenco notícias históricas avulsas, cujo teor nos seria impossível compendiar aqui detalhadamente. Dentro do volume, decerto por afinidade temática com o espírito da compilação, foram ainda armazenadas quatro cartas do clérigo e arqueólogo Manuel da Gama Xaro pertinentes à década de 1840, que adiante consideraremos.

As inscrições documentadas montam a um total de 106, entre apontamentos de Saraiva e contribuições de correspondentes, sendo os registos vários na data, na técnica e no grau de acabamento. As duas sequências colhidas no decurso das visitas administrativas, como já vimos, constituem unidades claramente demarcadas, e cobrem todos os mosteiros históricos da Congregação no Entre-Douro-e-Minho, totalizando 75 espécies epigráficas. São estas também as mais abrangentes do ponto de vista cronológico, denotando um claro interesse na historiografia beneditina *latu sensu* — da Idade Média à reforma quinhentista da ordem, e na maioria dos casos extensível a boa parte da Época Moderna. Encontramos assim, em ordem decrescente do número de itens documentados, os cenóbios de Santo Tirso (10); Salvador de Travanca (7); S. João de Cabanas (6); Santo André de Rendufe (5); Santa Maria de Miranda (5); S. Romão de Neiva (5); S. Bento de Arnóia (4); S. Bento da Vitória (4); Salvador de Ganfei (5); Santa Maria de Pombeiro (4); S. Bento de Coimbra (3); S. Miguel de Bustelo (4); S. Martinho de Cucujães (3); Salvador de Paço de Sousa (3); S. Bento da Saúde (2); Santa Maria de Carvoeiro (2); S. João de Alpendurada (1); S. João da Foz do Douro (1) e S. Martinho de Tibães (1).

Ao fruto das visitas acrescem ainda, no Entre-Douro-e-Minho, alguns núcleos de material reportantes a outras excursões; é o caso da recolha de 5 inscrições romanas e medievais em Valença no ano de 1792, aparentemente correlacionável com uma primeira estadia no mosteiro de Ganfei imediatamente após o fim dos seus estudos doutorais¹⁶, e dum pequeno grupo pertinente ao Porto e arredores. Semelhantemente, vários apontamentos arqueológicos não relacionados com a história da congregação foram colhidos no termo de Amares nos anos de 1811-12, indiciando regressos ao mosteiro de Santo André de Rendufe — que Saraiva já havia visitado em capacidade oficial, e documentado, no início do século. Neste subgrupo se inserem monumentos como o túmulo de Sá de Miranda, na igreja paroquial de Carrazedo (fl. 82), duas aras inscritas escavadas no sítio dos banhos de Caldelas (fls. 8 e 80; fig. 1), e a sumida torre-solar dos Lagos — importante exemplo de *domus fortis* medieval, à época já em estado ruinoso, a que dedica um desenho a carvão datado de 2 de Novembro de 1812 (fl. 23; fig. 2). Algumas destas perambulações terão talvez sido empreendidas com o companheiro de hábito e de investigações Fr. Bento de Santa Gertrudes, considerando que as inscrições de Caldelas ficaram também documentadas nos papéis pessoais deste¹⁷.

¹⁶ Para uma cronologia detalhada dos estudos de Fr. Francisco, cf. p. ex. Dias, 2017: 17-23.

¹⁷ Os pecúlio de apontamentos arqueológicos reunido por Fr. Bento de Santa Gertrudes, cujo espécime autógrafo parece ter-se perdido, privilegiava as inscrições romanas; conhecemo-lo pela transcrição manuscrita que deles fez seu sobrinho Dinis da Costa Sousa Carvalho Santiago em 1861, parcialmente publicada e comentada por Domingos de Pinho Brandão (1962: esp. 16-21). Aí se transcreve também a notícia de Fr. Bento a propósito do achamento das duas peças.

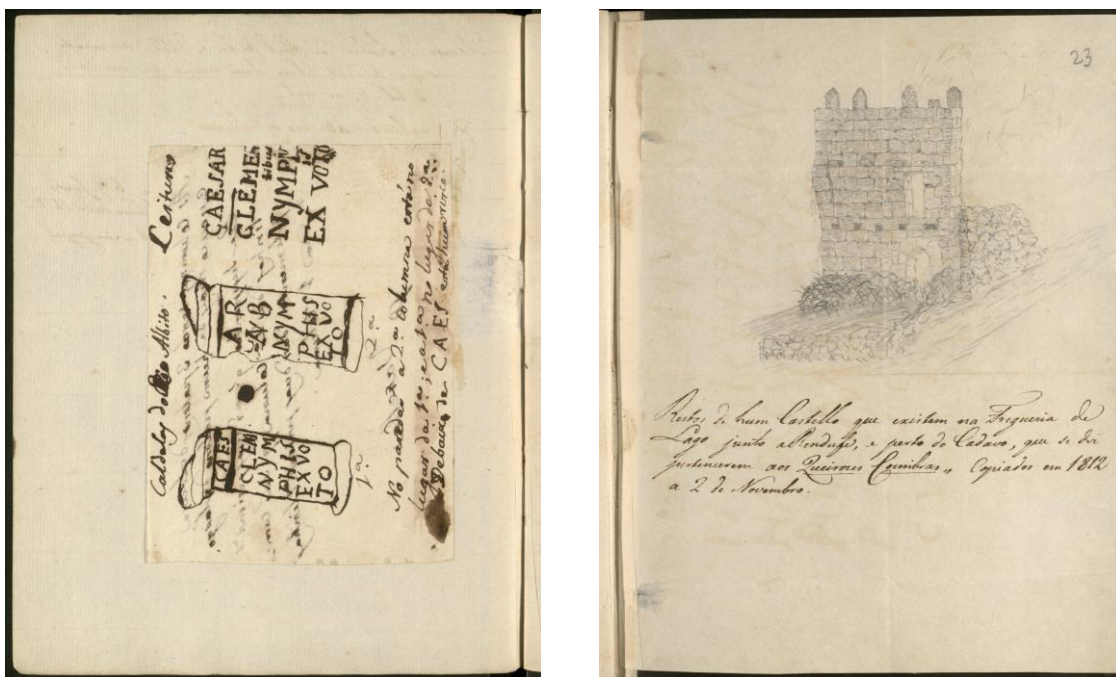


Fig. 1 Inscrições romanas achadas em Caldelas (Amares). *Apontamentos*, fl. 8^v. AMPL.

Fig. 2 Torre do Lago em Rendufe (Amares). *Apontamentos*, fl. 23. AMPL.

O memorial funerário, monumento por excelência, está fortemente representado no caderno através da transcrição ou reprodução de epitáfios, revelando um particular interesse pela memória de patronos monásticos e abades medievais — como é o caso das sepulturas de Mónio Moniz em S. João

de Arnóia, de S. Ganfei no mosteiro do seu nome cerca de Valença, ou do abade Martim Anes em Santo Tirso (fls. 94, 93 e 99; figs. 3-4). Do encontro de Saraiva com a última destas inscrições, bem como dalgumas outras transcritas neste período, dispomos dum testemunho na sua própria voz, por via da já citada carta de 1802 a João Pedro Ribeiro:

[...] fiz a diligencia por copiálo com exactidão e nenhum escupulo tenho de me ter enganado — o apelido Anes que julgo ser o da pédra não condiz com o Ayres da Benedict.^a [*Beneditina Lusitana*, de Fr. Leão de S. Tomás]; excepto se na pédra escapou o y p.^r q. o n ainda se poderia tomar por r supposta alguma semelhança nos caracteres. V. S.^a por outros docum.^{tos} parallellos poderá saber decidir esta pequena duvida.¹⁸

¹⁸ BGUC, Ms. 240, fl. 111; Barroca (2000: n.º 750) leu “Aires” como Fr. Leão.

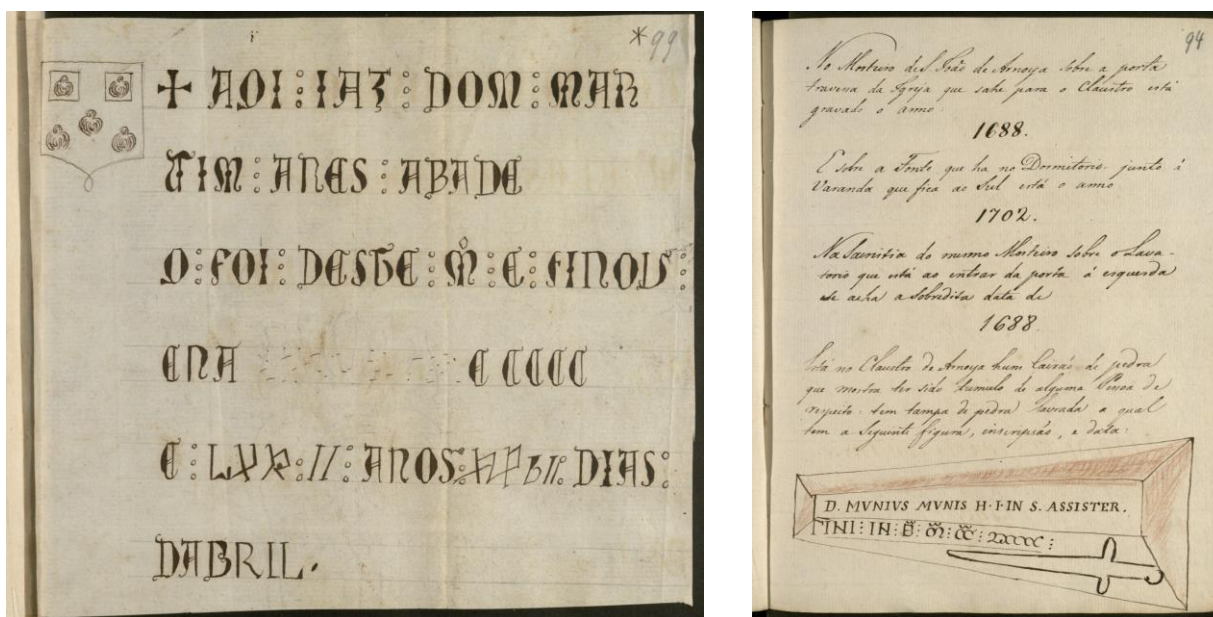


Fig. 3 Inscrição do túmulo de Martim Anes no Mosteiro de Santo Tirso. *Apontamentos*, fl. 99. AMPL.

Fig. 4 Registo de cronogramas e tampa epigrafada do túmulo de Mónio Moniz no Mosteiro de S. João de Arnóia (Celorico de Basto). *Apontamentos*, fl. 94. AMPL.

Da mesma carta colhemos alguns indicadores a respeito da abordagem crítica e ponderosa que Saraiva se prezava de votar às espécies documentadas, e que por isso complementam interessante-mente a análise dos *Apontamentos*:

As quatro inscripsoens (B) são as que estão na parede do Claustro do d.º Mostr.º, e que V. S.^a também tem nas suas memorias, mas com algumas pequenas diferenças. Eu as examinei de perto, e as copiei com todo o vagar: e reflectindo na grandeza das pedras, no caracter de cada huma, e no seu conteúdo, me occorreu que a do n. 1 e 4. formariam talvez huma só inscripção.¹⁹

Em consonância com este espírito, verificamos que peças artísticas com uma componente figurativa tendem a atrair uma leitura iconográfica alargada, como é o caso do túmulo de Egas Moniz em Paço de Sousa, ainda conhecido pelo beneditino num estado de relativa integridade (fls. 96-96^v), ou das figuras góticas que flanqueavam uma lápide no claustro de S. João de Alpendurada — cujos atributos analisa atentamente, concluindo retratarem “o Abbade, e Mestre, que mandou fazer e fez a obra de que ali se trata” (fl. 97^v).

Sabendo-se que a inspecção do estado material dos cenóbios era uma das componentes-chave das visitas administrativas (Dias, 2017: 21), é de supor que o encargo tivesse oferecido condições privilegiadas, senão únicas, para a condução duma leitura detalhada, estendida mesmo a “lugares m.^{to}

¹⁹ *Idem*, fl. 111^v; refere-se aqui Saraiva, ainda, ao Mosteiro de Santo Tirso.

escuros e pouco aceados” — como os que esquadrinha em Santo Tirso, numa das visitas de que dá conta a Ribeiro (BGUC, Ms. 240, fl. 111^v) — e ocasionando a descoberta de lápides irreferenciadas ou pouco conhecidas (*idem*: fl. 112). Não raro, o confronto direto com a sua evidência é ocasião para corrigir erros e confusões patentes na cronística da ordem ou noutra bibliografia (*idem*: *ibid*). Particularmente aguda é a sua atenção aos cronogramas, tipologia epigráfica mais representada nos *Apontamentos*, bem como às inscrições de obras e testemunhos de patronato — reflexo duma evidente curiosidade a respeito da constituição orgânica dos edificadas, dos aportes de diferentes abades ou benfeitores, e da articulação entre fases construtivas.

A respeito desse olhar simultaneamente minucioso e envolvente que Fr. Francisco vota aos conjuntos visitados, almejando a um entendimento tão global quanto matizado da sua textura histórica, o testemunho dos *Apontamentos* mostra-se consonante com preocupações demonstradas noutros lugares da sua obra. A cronologia foi, como se sabe, um subgénero da literatura histórica que cultivou com predileção, servindo-lhe como eixo primordial para a estruturação de dados colhidos em pesquisa e para a própria organização do discurso sobre o passado (Ramos, 1972: 295-6, 308); no domínio específico da historiografia da arte, em que a sua única monografia de fôlego é a *Memória Histórica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Vitória* oferecida à Academia Real das Ciências em 1827 (Saraiva, 1872: 271-341) ressalta com nitidez um semelhante desígnio de “examinar de espaço, e com toda a miudeza” a majestosa fábrica do monumento (*idem*: 271), reservando grande preponderância tanto para a sistematização temporal dos trabalhos como para a evocação dos ilustres aí inumados. Mediada privilegiadamente pela voz das epígrafes, a disciplina de leitura a que o cicerone induz a sua audiência no périplo interior do monumento traduz-se ao mesmo tempo numa pessoalização do espaço: o resgate da memória gravada no seu tecido físico é também o dos indivíduos e da sua agência — artística, política, administrativa — que em Saraiva nunca deixam de ser o objeto quintessencial do pensamento histórico²⁰.

É patente que a responsabilidade de acompanhar as visitas administrativas se revelou prazenteira para Fr. Luís e convergente com a sua natural curiosidade — munindo-o vantajadamente para o cargo de cronista-mór da congregação, em que viria a substituir o seu antigo mestre Fr. José de Santa Escolástica²¹. Talvez o seu empenho em prorrogar por um triénio a nomeação para o abaciado do Colégio de S. Bento de Coimbra, a que o Capítulo Geral o chamou em 1801, se tenha devido justamente ao gosto que esta matéria lhe suscitava, conforme aventa Fr. Geraldo Coelho Dias (2017: 21); chegado o ano de 1804, contudo, a assunção do novo encargo impôs-se, e com ele uma existência

²⁰ A respeito da visão da história em Saraiva, cf. Ramos, 1972: 247: 321.

²¹ Nomeação do Capítulo Geral de 1804, sucessivamente renovada até 1819.

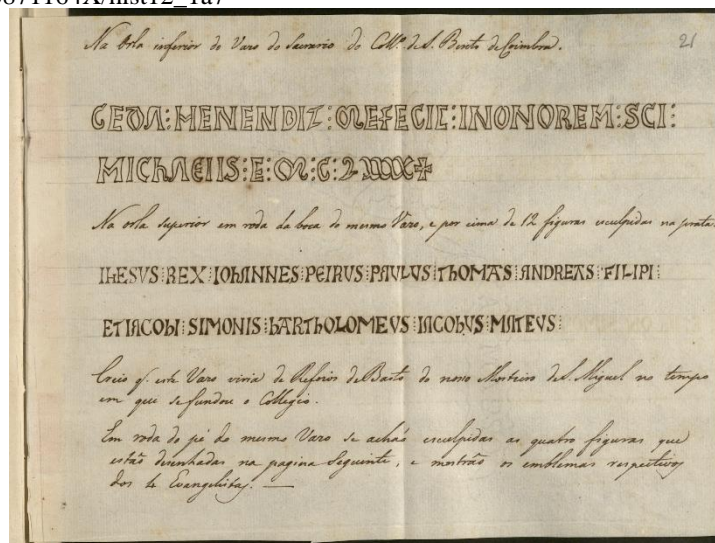


Fig. 5 Inscrições do pé e boca do cálice do Colégio de S. Bento. *Apontamentos*, fl. 21. AMPL.

Fig. 6 Emblemas dos Evangelistas do cálice do Colégio de S. Bento. *Apontamentos*, fl. 22. AMPL.

comparativamente sedentária nas margens do Mondego. A respeito deste período, o caderno testemunha apenas uma excursão com frutos epigráficos: a visita à velha igreja de Nossa Senhora de Finisterra junto à alcáçova de Soure, onde documenta (aliás apressadamente, segundo nota) três lápides medievais hoje perdidas (*Apontamentos*, fls. 41-41^v)²².

Sabemos, ainda assim, que o período passado ao leme desta casa de formação não foi de total negligência para com os assuntos arqueológicos: é nesse contexto que o interpela o magnífico cálice medieval então guardado na capela do colégio²³, com as suas figuras “esculpidas com a maior perfeição e aceio, posto q[ue] desenhadas conforme ao gosto do tempo” (fl. 105) e a sua inscrição em

²² A igreja documentada por Saraiva foi demolida ainda em sua vida, no ano de 1843, perdendo-se as epígrafes (Barroca, 2000: n.ºs 73, 91). Barroca não regista a existência da terceira lápide, incompleta, reproduzida no caderno.

²³ Hoje na colecção do Museu Nacional Machado de Castro (inv. 6030).

carateres românicos no rebordo da base. Esta última foi matéria de renovada correspondência com o cartorário de Alpendurada, no sentido de discernir a proveniência da peça e a identidade do doador; o fruto das suas diligências, acompanhando as transcrições e desenhos a carvão realizados por Saraiva, preserva-se nos *Apontamentos* sob a forma duma extensa “Notícia de Gueda Mendes, padroeiro do Mosteiro de S. Miguel de Refóios” a que deu forma final Fr. Bento em Janeiro de 1807 (fls. 105-6, figs. 5-6)²⁴.

A pesquisa empreendida pelos dois beneditinos a respeito da identidade histórica e genealógica desta figura — estribada simultaneamente no convoluto registo paleográfico, no testemunho de lápides sepulcrais e na ‘voz’ dum objeto artístico — fornece-nos talvez o mais acabado exemplo do valor instrumental que a epigrafia podia revestir para Saraiva e para os seus companheiros de investigação histórica, no quadro duma abordagem integral e disciplinada ao estudo do passado. A interrogação a uma vez crítica e criativa da evidência, não desistindo de “procurar novos meios de averiguar a verdade” (fl. 105) mediante o contributo insuficiente dos cartulários, acaba neste caso por revelar o cálice como peça-chave para o conhecimento do elusivo Gueda — cujo nome se havia corrompido irremediavelmente na transmissão textual dos diplomas. Os trâmites seguidos, que conhecemos em inusual detalhe graças à relação de Fr. Bento, desenvolvem uma linha metodológica já ensaiada desde o tempo das primeiras trocas com Ribeiro, por exemplo através do cotejamento da literatura linhagística medieval com a epigrafia funerária dos cenóbios²⁵.

Horizontes tardios

Contrastando com o que sucede para as décadas de 1790 a 1810, são esparsos nos *Apontamentos* os testemunhos relativos ao interesse arqueológico de Fr. Francisco ao longo da sua carreira pública e prelatícia — que, como é consabido, arrancou na década de 1820 e tomou raízes com o triunfo liberal. Do seu próprio punho, só um registo se encaixa seguramente nesta cronologia alargada: o artístico desenho aguarelado do túmulo de Antão Martins na igreja paroquial de Dois Portos, termo de Torres Vedras, realizado já como Patriarca-eleito em 1842 (fl. 11, fig. 7). Um núcleo significativo de material, contudo, vem juntar-se ao caderno por intermédio da correspondência com o P.^e Manuel da Gama Xaro, Vigário Geral de Setúbal e incansável prospector das ruínas romanas de Tróia, havida na década de 40.

O trato epistolar entre as duas figuras é há muito conhecido graças à publicação duma extensa carta de Saraiva a Xaro nas *Memórias* da Academia Real das Ciências, acompanhada por excertos

²⁴ Supomos que esta *Notícia* corresponda ao texto de 8 fls. com o mesmo título patente no Ms. 897 da BNP.

²⁵ Cf., p. ex., a carta de 25/1/1802 de Ribeiro a Fr. Bento (Mattoso, 1959: 288).

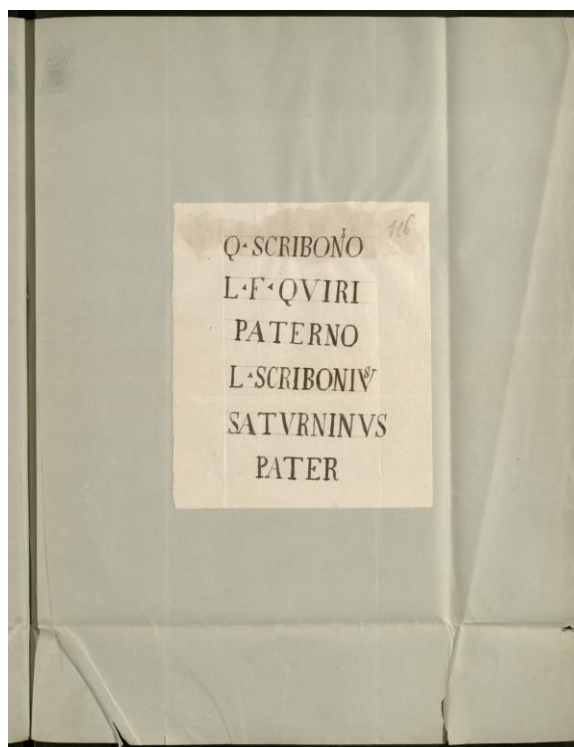
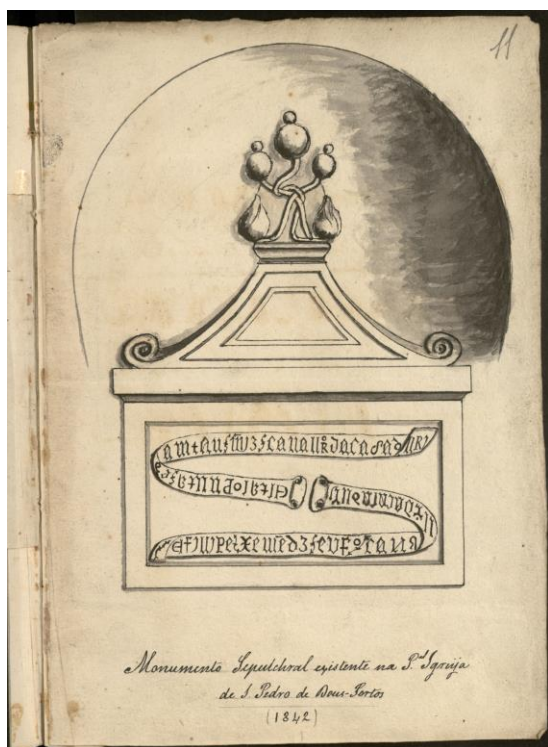


Fig. 7 Túmulo na igreja paroquial de Dois Portos (Torres Vedras). *Apontamentos*, fl. 11. AMPL.

Fig. 8 Registo de inscrição romana achada em Santiago do Cacém, remetida com uma carta do P.^e Manuel da Gama Xaro. *Apontamentos*, fl. 116. AMPL.

avulsos dalgumas outras, cujos originais se perderam (1865: 177-201). Cimentado por uma verdadeira confluência de interesses e de caráter invariavelmente científico, o grosso do seu cartear parece ter versado sobre a Antiguidade ibérica — tema sobre o qual Saraiva acumulara ao longo da vida uma verdadeira profusão de apontamentos (*idem*: 181-183).

Longe de se mostrar um coletor passivo do material que lhe remete o pároco de Setúbal, Saraiva colabora ativamente e não sem entusiasmo na interpretação de algumas lápides. Se na leitura do primeiro registo gráfico recebido (*Memórias...*, III, parte 2: 184) não aventura a reconstrução do nome do ofertante da ara, mais tarde objeto de hipóteses discordantes por parte de Emil Hübner (*CIL* II 2479 = 5617) e José Leite de Vasconcelos (1914: 3067), a resposta do prelado a respeito do pedestal votivo a Esculápio achado em 1770 no sítio das termas romanas da Rua da Prata, em Lisboa — conhecida do material dado à estampa nas *Memórias* — esclarece o correspondente quanto a alguns pontos da leitura, mormente as suas dúvidas acerca do nome ou apodo *Euporio*²⁶; dar-lhe-iam razão os intérpretes subsequentes da inscrição (*CIL* II 175; Vasconcelos, 1929: 222). À terceira epígrafe de Xaro incluída no caderno, vinda a lume em Santiago do Cacém (*CIL* II 29) não achamos menção entre a matéria publicada

²⁶ Uma nota filológica sobre a raiz grega deste nome acha-se incluída nos *Apontamentos* a fls. 9.

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

pela Academia, mas da sua carta de 11/5/1842 apensa aos *Apontamentos* constatamos que as dúvidas levantadas por Saraiva o moveram a obter uma segunda reprodução e a empreender uma leitura renovada (fl. 115; fig. 8).

É patente que os conteúdos remetidos por Xaro que se preservam nos *Apontamentos* correspondem apenas a uma pequena amostra do material por si provido ao cardeal. Na missiva de 28/3/1842, por exemplo, o pároco refere que “espero do Alemejo algumas inscrições ineditas, e darei copia logo que cheguem”, e a de 28 do mesmo mês promete “[b]revemente [...] 4 ou 5 inscrições ineditas da antiga Merobriga”. Dum trânsito no sentido inverso dá conta a missiva de 24/4/1842, em que Xaro assinala ficar “esperando pela inscrição que ahi se descubrio” — e desejando que “apareçam mais”. O trato aqui plasmado terá inserido também Saraiva, de modo mais ou menos direto, numa rede alargada de curiosos e coadjuvantes, que inclui o prior do Cacém, P.º Vicente Soares de Oliveira, o não identificado correspondente alentejano e os responsáveis pelo registo de inscrições antigas na zona de Setúbal a mando da Administração Geral de Lisboa²⁷.

O volume dos levantamentos realizados ou promovidos pelo vigário de Setúbal, mercê do seu dinamismo e da prestabilidade dos seus contactos, augura uma tendência de sistematização da ciência epigráfica e valorização disciplinar das escavações que seguramente não teria passado despercebida ao velho historiador. Desafortunadamente, já não lhe foi dado assistir ao florescimento da Sociedade Arqueológica Lusitana, fundada por Xaro e seu discípulo João Carlos de Almeida Carvalho sob o patronato de D. Fernando em 1849, nem conhecer o arranque desse ambicioso projeto internacional que foi, e continua sendo, o *Corpus Inscriptionum Latinarum* — cujo escopo se estendeu à Ibéria logo no seu segundo volume, e no seio do qual o pároco de Setúbal se veio a mostrar um correspondente ativo e importante²⁸. Sabemos ainda assim — graças à eclética conversação mantida com o conde do Lavradio — que a ideia dum levantamento sistemático de tal património não lhe era de todo estranha:

A empresa he grande e util. Nós cá temos mais em que cuidar, e comtudo Portugal não he pobre em inscrições Romanas, e muitas andão dispersas por differentes obras impressas e mss. O ponto era collegilas com critica, e mandar examinar os originaes, aonde os houvesse (como ha) conservados em differentes terras do Reino. A fatal falta de meios ha de fazer que fiquemos nisto como temos ficado em outras semelhantes empresas.²⁹

O juízo é oferecido em resposta a uma a peça aparecida um mês antes — 15 de Julho de 1843 — nas páginas do periódico parisiense *Journal des débats*, noticiando a constituição duma comissão de estudos junto do Ministério da Instrução Pública francês no sentido de empreender um levantamento

²⁷ Carta de 11/5/1842, inclusa nos *Apontamentos* a fls. 115.

²⁸ A respeito do seu engajamento com este projeto e do seu valor, cf. Marques, 2016: 369-70; 388; 464.

²⁹ Carta de 3/8/1843, arquivo particular; digitalização disponível em <<https://pesquisa-arquivo.cm-pontedelima.pt/details?id=1092027>> (acedido a 20/3/2022).

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

geral e publicação crítica de inscrições latinas naquele país. Chamado a capitanear a iniciativa, “trop vaste et trop onereuse pour tenter l’industrie privée”, é o classicista Jean-Antoine Letronne; o seu escopo e ambição — que o levam na pegada de antiquários beneditinos como Mabillon e Bernard de Montfaucon — são bem patentes do discurso que proferiu na sessão constitutiva do comité, citado extensamente no *Journal* (15/7/1843: 3-4). A manifesta desesperança do Patriarca a respeito da viabilidade de semelhante empresa em Portugal — ou não fosse o “o ralhar do pouco que fazemos para adiantamento das Sciencias e das letras” um *leitmotif* das suas trocas com Lavradio — não lhe impede uma continuada valorização da disciplina, e daqueles poucos que, com escasso encorajamento, entre nós a cultivavam. Em Agosto de 1844, tomado de entusiasmo pela notícia dum novo achado arqueológico no castelo de Sintra, advertirá o mesmo correspondente:

[m]uito bom seria que V: Ex.^a voltasse para este objecto das escavações huma parte da sua attenção; porque he esta huma materia quasi virgem no nosso territorio, e hoje tão cultivada nas nações civilisadas.³⁰

Tendo Saraiva falecido menos de um ano volvido, em 1845, a carta em que despende este conselho é também uma das suas últimas a D. Francisco de Almeida, e a derradeira expressão que conhecemos do seu interesse arqueológico. Não obstante os temas da sua dilecção se acharem por esses anos “como afogados no fastidiosissimo e incessante trabalho do despacho ordinário”, segundo pouco antes lamentara a Diogo Köpke (Pimenta, 1940: 11), é patente dos lampejos dados por estas comunicações que o gosto que lhe proporcionavam desde o tempo de Tibães nunca o abandonou inteiramente.

Conclusão: *assumptos que algum dia tanto me deleitavão*³¹

Ainda que António Correia Caldeira tenha considerado o estudo da “archeologia, antiguidades, inscrições e letreiros” uma das “seis grandes divisões” do trabalho de seu tio, chegando a idealizar um volume consagrado a esta matéria (1855: xxv; Dias, 2017: 41), a edição das *Obras completas* concretizada por Resende desviou-se marcadamente de tal desígnio — decerto por se ter constatado que muito do material pertinente se achava desordenado e imprestável para publicação. A diligência com que Fr. Francisco se entregou à recolha de espécies epigráficas, sobretudo antes de 1820, não teve assim na sua obra vinda a lume manifestação sistemática ou de monta. Muito do acervo que

³⁰ Carta de 1/8/1844, arquivo particular; digitalização disponível em <<https://pesquisa-arquivo.cm-pontedelima.pt/details?id=1092013>> (acedido a 20/3/2022).

³¹ A expressão é extraída da primeira das suas já citadas cartas a Köpke, publicadas por Pimenta (1940: 11).

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 n° 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

logrou, constituído por apontamentos desagregados, ter-se-á perdido mercê das cheias que lhe vitimaram a biblioteca na Casa do Arnado, em Ponte de Lima³², e mais tarde com a infeliz dispersão do arquivo pessoal — ficando o caderno dos *Apontamentos*, provavelmente, como o mais importante registo subsistente desta sua atividade.

Manifestamente, ao fascínio que este património insinuante e táctil surtiu em Saraiva não foi alheia a esfera do afeto ou (para retomar a formulação da sua carta a Fr. Bento) do *gosto*. Assim, sem pretender minorar a utilidade intrínseca que alguns dos registos por si colhidos possam revestir para o investigador atual, como testemunhos de monumentos entretanto desaparecidos ou transformados, preferimos enfatizar nas páginas precedentes o valor deste repositório enquanto *artefacto* de próprio direito — por quanto documenta do carácter omnívoro e voraz da sua curiosidade, das continuadas conversações que os seus interesses eruditos foram suscitando, e dum modo pessoal de intimidade com o passado.

Terminando, cumpre ressaltar que a maioria do material inédito pertinente a Fr. Francisco de S. Luís Saraiva apresentado nestas páginas — os *Apontamentos*, as 4 cartas de Manuel da Gama Xaro aí apenas e as 17 ao conde de Lavradio que se preservam em posse particular — foi recentemente objeto dum protocolo de digitalização com o Arquivo Municipal de Ponte de Lima, achando-se acessível na sua plataforma *online* por via das ligações abaixo indicadas. Desdobra-se o presente artigo, pois, na função de convite a uma descoberta aprofundada dessas fontes, e através delas a um encontro renovado com a figura.

Lista de abreviaturas utilizadas

AMPL - Arquivo Municipal de Ponte de Lima

CIL - *Corpus Inscriptionum Latinarum*

BGUC - Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

PL - *Patrologia Latina*

³² A respeito deste lamentável desfecho, cf. o testemunho de Luís Figueiredo da Guerra, 1920: 296.

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 n.º 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

Fontes manuscritas

AMPL, D. *Francisco de S. Luiz Bispo Rezervatario de Coimbra, Conde de Arganil* (1838), CS cx. 1-8. Disponível em: <<https://pesquisa-arquivo.cm-pontedelima.pt/details?id=990447>> (acedido a 20/3/2022).

BGUC, carta de Fr. Francisco de S. Luís a João Pedro Ribeiro (30/5/1802), Ms. 240, fl. 111.

Colecção particular, Ponte de Lima, *Apontamentos colligidos por Fr. Francisco de S. Luiz Saraiva* Disponível em <<https://pesquisa-arquivo.cm-pontedelima.pt/details?id=1091186>> (acedido a 20/3/2022).

Colecção particular, Ponte de Lima, 17 cartas de Fr. Francisco de S. Luís a D. Luís de Almeida Portugal, 2.º conde de Lavradio (2/12/1836-1/8/1843) Disponível em <<https://pesquisa-arquivo.cm-pontedelima.pt/details?id=1092033&detailsType=Description>> (acedido a 20/3/2022).

Bibliografia impressa

BAIÃO, António (2005), “Trinta e duas cartas inéditas do Cardial Saraiva como Guarda-mor da Tôrre do Tombo” in *Almanaque de Ponte de Lima*, n.º 6, pp. 248-264.

BARROCA, Mário (2000), *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia, 3v.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1962), “As inscrições luso-romanas dos apontamentos de Frei Bento de Santa Gertrudes”, Porto: [s.n.].

CALDEIRA, António Correia (1855), *Obras Completas de D. Francisco de S. Luiz*, Lisboa: Imprensa Nacional.

CARDOSO, António M. de Barros (1995), *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*, Ponte de Lima: Câmara Municipal.

CARDOSO, António M. de Barros (2017), “Frei Francisco de São Luís Saraiva: o homem e os livros” in *Ponte de Lima do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n.º 2, pp. 45-62.

DIAS, Fr. Geraldo J. A. Coelho (2017), “O beneditino Cardeal Saraiva e os estudos históricos” in *Ponte de Lima do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n.º 2, pp. 15-41.

ENCARNAÇÃO, José d' (1979 [2010]), *Epigrafia: as pedras que falam*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

FERREIRA, António, *O Cardeal Saraiva: um grande limiano* (1948), Porto: Editorial Domingos Barreira.

FREITAS, Cristiana Vieira de; CARNEIRO, Ana (coord.) (2017), *Cardeal Saraiva: documentos raros e dispersos*, Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima

Miguel Ayres de Campos Tovar – *A materia que me da gosto: do testemunho físico do passado em Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 n.º 1 2022. 124-142. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1a7

FREITAS, Cristiana Vieira de (2018), “Dos cartórios da Ordem Beneditina ao Real Archivo da Torre do Tombo: o périplo de Frei Francisco de São Luís Saraiva” in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, série XXXI, n.º 1, pp. 103-123.

GUERRA, Luís Figueiredo da (1920), “As antigas livrarias do Alto Minho” in *Anais das bibliotecas e arquivos*, 2.ª série, vol. 1, n.º 1, pp. 238-241; 296-301.

HÜBNER, Emil (1869), *Corpus Inscriptionum Latinarum II. Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlin, Reimer.

LEGOFF, Jacques (1978), “Documento/Monumento” in *Enciclopedia Einaudi*, Turim: Einaudi, vol. 5, pp. 38-43.

MARQUES, Miguel Correia (2016), “A Epigrafia da *Hispania* na Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos”, dissertação de doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia, apresentada Universidade de Lisboa.

MATTOSO, José (1956-1961), “Correspondência diplomática de Fr. Bento de Santa Gertrudes, João Pedro Ribeiro e Fr. Francisco de S. Luís” in *Lusitania Sacra*, vols. 1 (pp. 261-293), 2 (pp. 295-314), 3 (pp. 257-305), 4 (pp. 275-295) e 5 (pp. 257-302).

PIMENTA, Alfredo (1940), *Inédito precioso do Cardial Saraiva*, Guimarães, Arquivo Municipal.

RAMOS, Luís A. de Oliveira (1976), *Inéditos do Cardeal Saraiva: historiografia monástica*, Braga [s.n.].

RESENDE, Marquês de (1864), *Memoria historica de D. Fr. Francisco de S. Luiz Saraiva*, Lisboa: Academia Real das Sciencias.

RODRIGUES, Abel (2007), “Entre o público e o privado: a génese do arquivo do Conde da Barca”, dissertação de mestrado em História das Instituições e Cultura Moderna e Contemporânea, apresentada à Universidade do Minho.

SARAIVA, Fr. Francisco de S. Luís (1872-1883) *Obras completas do Cardeal Saraiva*, Lisboa, Imprensa Nacional, 10v.

S. TOMÁS, Fr. Leão de (1644-1651), *Benedictina Lusitana*, Coimbra, Diogo Gomes Loureiro, 2v.

VANUXEM, Jacques (1957), “The Theories of Mabillon and Montfaucon on French Sculpture of the Twelfth Century” in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 20, n.º 1-2.

VASCONCELOS, Joaquim Leite de (1895), “Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal” in *O archeologo português*, vol. 1, n.º 3, pp. 66-92.